

Félix de Bulhões culpa elites pela crise

O Presidente da Câmara de Comércio Americana do Rio de Janeiro, Félix de Bulhões, disse ontem que novos investimentos na produção não ocorrem no Brasil porque há desentendimento total entre as elites do País. Segundo Bulhões, que também é Presidente da White Martins, hoje no Brasil discute-se muito e não se resolve nada, citando como exemplo o processo de privatização das estatais, que ainda se discute se é válido ou não para o País:

— E certo que não podemos viver sem o Estado como representante da sociedade. Só que no Brasil o Estado se tornou grande demais, ineficiente e corrupto.

Embora admita que uma empresa privada também possa ter falhas humanas, Bulhões disse que o modelo de Estado-empresário é anacrônico e burro, porque não se pode administrar uma empresa com presidentes nomeados por políticos ou sob comando direto deles. A declaração de Bulhões foi feita logo

após o encontro entre empresários e o Presidente da Union Carbide Corporation, Robert Kennedy, promovido pela Câmara de Comércio Americana no Restaurante Rio's. Segundo o Presidente da Union Carbide Corporation, sua empresa está muito interessada em participar do processo de privatização brasileiro, assim que surgirem as oportunidades nas áreas de química e petroquímica. Embora não especificasse o interesse em uma determinada empresa, Kennedy afirmou que a participação da sua companhia se dará através das suas afiliadas no País: a Union Carbide do Brasil e a White Martins.

O Brasil representa para nossa empresa entre 10% e 15% do nosso faturamento global, que atingiu US\$ 7 bilhões em 1990. Anualmente, investimos cerca de US\$ 70 milhões no País, o que corresponde ao maior investimento da empresa fora dos Estados Unidos — frisou.

Empresas alemãs céticas com o pacto

SÃO PAULO — Os dirigentes de multinacionais alemães acham que o entendimento proposto pelo Fórum de Empresários e o Governo está destinado ao fracasso se os gastos públicos não forem saneados. Na opinião do Presidente do Banco BBA, Fernão Carlos Botelho Bracher, as mudanças constitucionais propostas pelo Emendão, a renegociação das dívidas estaduais e o ajuste fiscal são necessários para a retomada do crescimento e o controle da inflação.

Bracher ironizou o choque de produção sugerido pelo Fórum, declarando que a proposta pode “entrar em curto-circuito”, se o Governo não adotar austeridade nas contas públicas. Sem essa garantia, ele explicou, os empresários não se sentirão tranquilos para promover investimentos.

— É necessário arrumar a casa, porque senão ninguém vai investir — disse Bracher, defen-

dendo uma integração maior dos banqueiros no entendimento.

Mais cético, o Sócio-Gerente da Projeto Consultoria e Informática, Manfred K. Otter, avalia a proposta de entendimento como uma novela. Ele adianta que, devido ao insucesso de iniciativas parecidas em anos passados, tem muitas dúvidas sobre a viabilidade da ideia.

— Se levar em conta a história da economia do País, vejo o entendimento como mais uma forma de iludir a sociedade. Para o seu êxito, é preciso que os bancos e outros setores de serviço e trabalhadores participem mais da proposta — acrescenta.

O Diretor-Presidente da Siemens, Hermann H. Wever, disse que o choque de produção age como estímulo psicológico para a reação da economia. Segundo ele, a proposta impulsionará diversos segmentos a retomarem o crescimento.